

Educação e Surdez: a inclusão na aula de música

Vinicius Nicolodelli
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
vinicius_nicolodelli@hotmail.com

Resumo: O presente artigo é parte de uma pesquisa concluída, do curso de Licenciatura em Música que teve como objetivo trazer a necessidade do professor, que está ensino regular, buscar metodologias para que as atividades trabalhadas na sala de aula sejam acessíveis tanto para alunos ouvintes, quanto para alunos surdos. Após a análise dos temas levantados pode-se concluir a necessidade discutir e divulgar o tema.

Palavras chave: Surdez, Educação Inclusiva, Educação Musical.

Biculturalismo, Inclusão e Educação Musical: bibliografias existentes

Esta pesquisa bibliográfica, desenvolvida durante o último ano de um curso de Licenciatura em Música, fez um levantamento sobre autores e metodologias para o ensino de música para surdos, buscando então a necessidade de discutir a inclusão destes alunos nas aulas de música do ensino regular. Justificou-se a necessidade de o professor buscar pesquisas e métodos de ensino de música a estes alunos, uma vez que estas possibilitam a adequação apropriada na formação de profissionais da área da educação musical, pois a escassez de pesquisas relacionadas a educação musical para surdos indica que os educadores não são estimulados a buscarem metodologias educativas que possam ajudar em sua prática. Partindo do pressuposto que os surdos estão inseridos em duas culturas, o chamado Biculturalismo, a pesquisa teve como pretensão conhecer melhor este termo o que resultou na coleta de algumas informações em leis criadas como suporte para a cidadania do surdo (Brasil, 2002, 2005), e alguns autores como Sacks (1998), Quadros (1997, 2003), Lacerda (1998, 2006). Zych (2008), referências de pesquisas sobre os surdos. A pesquisa então fundamentou teoricamente a Educação Inclusiva, para que assim possamos interligar estes conhecimentos com a educação musical voltada para os surdos.

Educação Inclusiva

A Educação Inclusiva não deve ser vista como uma forma de cumprir normas e leis, e sim refletida para inserir o aluno no contexto escolar, estimulando-o a prática pedagógica criativa e a cultura de colaboração. Mittler (2003) defende esta ideia e

ainda alerta que inclusão deve ser pensada não somente àquelas pessoas “rotuladas” com o termo necessidades especiais, mas sim em todo o âmbito escolar, a inclusão deve atender a todos os alunos. Lacerda (2006) corrobora ao dizer que a Educação Inclusiva defende o compromisso da escola de educar cada estudante, contemplando a pedagogia da diversidade, pois todos os alunos devem estar na escola regular independente da sua condição social, étnica ou linguística. Segundo a autora, a inclusão escolar deve ser muito bem trabalhada desde a escolarização, pois pesquisas indicam um número significativo de surdos que passaram pelos anos de escolarização, mas mesmo assim apresentam competência para aspectos acadêmicos um pouco menos desenvolvido se comparado ao desempenho de alunos ouvintes. Isso se dá pela inadequação e despreparação do sistema de ensino. Segundo Mittler:

Inclusão não diz respeito apenas a colocar as crianças nas escolas, mas também mudar as escolas para torná-las mais responsivas as necessidades de todas as crianças, a inclusão também diz respeito a ajudar todos os professores a aceitarem a responsabilidade quanto à aprendizagem de todas as crianças. (MITTLER, 2003, p.16)

Sendo assim vemos a necessidade de a escola e o professor estarem preparados para lidar com todas as especificidades de cada aluno, inclusive a do surdo, e este tem o direito de estar incluído tanto no âmbito social da escola como em todas as atividades oferecidas pelo ensino, como a música, por exemplo. Entretanto, o fato de o aluno surdo estar dentro da escola com alunos ouvintes não significa exatamente que ele esteja incluso, já que é a linguagem responsável pela interação entre as pessoas, assim como explica Lacerda (2006) ao dizer que a linguagem é assumida como constitutiva do sujeito, pois possibilita interações fundamentais para a construção do conhecimento. O surdo, por sua vez, comunica-se através da língua de sinais e utiliza-a para interagir com as pessoas e o mundo a sua volta. Porém a grande dificuldade é com que os alunos ouvintes e todo o ambiente escolar possam incluir este aluno, fazendo com que, independente das diferenças, a inclusão seja de fato satisfatória para o surdo.

Mas e quando a aula em questão é a de música onde a maioria das pessoas acreditam que a audição seja indispensável para que possa ser possível aprender música? Segundo Finck (2007): “A representação de que a música não pertence aos povos surdos parece embutir a ideia de que, para ser musical, é necessário ser

ouvinte” (p. 3). Haguiara-Cervellini (2003) cita diversos relatos de pessoas surdas que consideram a música como objeto exclusivo de pessoas ouvintes:

(...) os pais não viam a possibilidade da inclusão natural da música no universo da filha surda, a não ser como forma de treinamento. Nesse caso, encontraram na sua residência ante um trabalho difícil e penoso. A música não foi oferecida como deleite, mas como instrumento de aprimoramento para que pudesse encobrir a marca estigmatizante da surdez (...). Portanto, essa história mostra uma jovem que, apesar de viver num mundo imerso em música, não se apropriou dela como um bem para si. Sua fala foi enfática: -Isso não é da minha vida (...). Não gosto! (HAGUIARA-CERVELLINI, 2003, p. 191)

O depoimento mostra claramente, como há resistência de algumas pessoas e até de muitos da própria Comunidade Surda quando o assunto é o aprendizado musical do aluno. Sendo assim, para Finck (2007), “a proposta da musicalização a ser desenvolvida na escola deve partir do pressuposto de que os processos cognitivos diferenciados do aluno surdo deverão ser considerados na aprendizagem musical” (p. 4). Faz-se necessário então que o professor e a escola em geral busquem metodologias para que haja a inclusão do aluno surdo na aula de música.

A inclusão do aluno surdo na aula de música

Após o decreto da lei 11.769/2008 (BRASIL, 2008), que “dispõe sobre a obrigatoriedade da música na educação básica”, é importante que os professores se informem e busquem a cada dia mais conhecer métodos de ensino de música para que, a mesma, se faça presente também no cotidiano do aluno surdo. A pesquisa no Brasil no âmbito da Educação Musical para surdos não é muito vasta, porém autores como Pereira (2004), Fink (2007, 2009), Sá (2008), Kuntze e Fink (2011), Silva (2007), deixam evidente a necessidade de se pensar em uma educação musical voltada para alunos surdos. Já em referências bibliográficas pode-se encontrar apenas um livro, produção da fonoaudióloga Haguiara-Cervellini (2003), intitulado “A musicalidade do Surdo: representação e estigma”. Porém faz-se necessária ainda a pesquisa relacionada a inclusão do aluno surdo na aula de música no ensino regular. Mas é importante que o professor se atente ao objetivo pedagógico que permeia a aula de música, corroborando assim como questiona Sá:

É muito importante que sejam questionados os objetivos pedagógicos a serem perseguidos com as atividades musicais para surdos: o que se

pretende é oferecer aos surdos o direito de conhecer este elemento cultural humano tão importante, ou, o que se pretende é obrigar os surdos a participarem de algo que não faz sentido para eles? Estamos tratando de uma oferta ou uma obrigatoriedade? De uma troca ou um pacote depositado? (SÁ, 2008, p. 2)

Sá (2008) alerta a necessidade de o professor pensar nessas questões e ainda corrobora dizendo que se as razões para o aprendizado não ficarem claras para os pais, professores e principalmente para os surdos, sempre haverá uma resistência dos surdos com tudo o que diz respeito à música. Kuntze e Finck (2013) concordam fazendo referência a uma citação de Strobel: “a música, por exemplo, não faz parte da cultura surda, os sujeitos podem e tem o direito de conhecê-la como informação e como relação intercultural” (KUNTZE & FINCK, 2013 *apud*. STROBEL, 2009, p.78).

Para incluir o aluno surdo na aula de música é necessário então que o professor busque ou adapte métodos, assim como diz Bulamani¹ (2007). Segundo a autora o ritmo sempre foi, e continua sendo, um dos mais importantes aspectos fundamentais na música para a fundamentação da estrutura musical. Existem alguns estudos (SILVA, 2007; FINCK, 2008) que acreditam que o ritmo pode ser percebido de diferentes maneiras; alguns acreditam que para entender a complexidade de um ritmo é necessário um bom ouvido musical; outros acreditam que o ritmo pode ser sentido por meio de movimentos físico e do corpo, assim como é destacado no método de Dalcroze². Pessoas surdas, em geral, por terem seus sentidos físicos mais aguçados, preferem a segunda teoria em que o som e o ritmo é sentido por meio das sensações físicas. Mariani (2011) nos informa que o método de Dalcroze nos propõe que o movimento corporal tem uma dupla função: a manifestação visível de elementos musicais experimentados pelos sentidos e, ao mesmo tempo, uma estratégia para aperfeiçoar a consciência rítmica através da expressão. Bulamani (2007) é adepta ao método Dalcroze e defende-o dizendo que este demonstra a música como um elemento que não é ouvido apenas pela audição, mas sim pelo corpo inteiro. Complementando com o pensamento de música e corpo de Dalcroze, Hagiara-Cervellini (2003) nos traz o conceito de Musicalidade:

¹ Sannah Bulamani é uma educadora americana surda que defende o ensino de música para surdos e também sugere o Método Dalcroze como sendo o mais indicado.

² Pedagogo Musical, publicou em 1965 novas metodologias, baseadas na relação do corpo com a música, para o processo de ensino-aprendizagem musical (MARIANI, 2011)

Musicalidade é a possibilidade que o homem tem de expressar a música interna, ou entrar em sintonia com a música externa, por meio do seu corpo e seus movimentos, por meio da sua voz, cantando, do tocar do perceber um instrumento sonoro musical ou não, ou de uma escuta musical atenta. (HAGUIARA-CERVELLINI, 2003, p.75)

Podemos entender então que a música é acessível a todos, ouvintes ou não. No caso da educação musical que envolva alunos surdos, a vibração é o parâmetro que mais deve ser desenvolvido com os surdos, Silva (2007) o traz como o principal parâmetro a ser desenvolvido no processo de ensino-aprendizagem com o aluno surdo, pois é através dela que o surdo percebe timbres e elementos diferentes, que para ouvintes são percebidos através da audição. Bulamani (2007) acredita que tudo isso se deve a sensibilidade dos surdos perante as sensações de toque. Podemos corroborar esse pensamento com o que diz Haguiara-Cervellini (2003) que “a pele é o órgão dos sentidos mais vital (p.79). E então complementar com o pensamento de Silva (2007): “O surdo reage à música e expressa a sua musicalidade utilizando o toque. É possível captar vibrações das ondas sonoras por todo o seu corpo, através da pele e ossos” (p. 18).

Os exercícios do método Dalcroze tem como objetivo fazer com que o aluno se familiarize com os elementos da linguagem musical através do corpo. Mariani (2011) retrata o objetivo dos exercícios de rítmica³:

“(...) é fazer com que o aluno se familiarize com os elementos da linguagem musical através do movimento corporal. Por outro lado, através da música, o aluno recebe toda uma educação que passa tanto pela experiência sensório-motora, quanto pela experiência estética.” (MARIANI, 2011, p.39)

Podemos perceber que este método propicia ao aluno a integração das faculdades sensoriais e mentais, o corpo passa a ter uma vivência musical. Mariani (2011) traz no livro *Pedagogias Musicais*⁴ que simples exercícios, como caminhar, por exemplo, podem ter funções do ensino de elementos musicais, e defendem que a

³ Nome dado a um dos métodos de Dalcroze em que elementos musicais são desenvolvidos através de ações motoras.

⁴ No capítulo um do livro, dedicado ao método Dalcroze, encontra-se diversos exercícios propostos no com base no método de rítmica.

rítmica é uma educação musical através da experiência corporal e que há a possibilidade de se experimentar não somente o ritmo, mas todos os elementos musicais, como altura dos sons, timbre, andamento entre outros.

No entanto, temos também a educadora brasileira Cristina Soares da Silva (2007), que desenvolveu exercícios de musicalização exclusivos para o ensino de alunos surdos. As propostas seguem também a ideia da utilização dos sentidos motores e táteis como meio de ensino e aprendizagem musical. A autora defende que a diferença de timbres pode ser percebida através da vibração, pois cada timbre tem uma vibração diferente. A autora sugere em seu artigo um exercício de diferenciação de timbres com diversos tipos de objetos de diferentes materiais como garrafa de vidro, potes plásticos, pote de metal e caixa de madeira, dispostos em cima de uma mesa. O objetivo deste exercício é a percepção de que cada objeto tem uma vibração diferente e que saibam diferenciar cada uma. Isso se aplica a instrumentos musicais, pois cada um tem uma vibração diferente.

Silva (2007) trata ainda sobre a possibilidade de adaptarmos exercícios musicais comuns, para que o professor possa desenvolver elementos musicais com todos os alunos em uma aula de música do ensino regular, havendo assim interação entre alunos ouvintes e surdos no processo de ensino-aprendizagem musical.

Considerações Finais

Nesta pesquisa, a inclusão do aluno surdo mostrou-se como um tema que tem necessidade ser discutido. Por vezes, professores do ensino regular se veem despreparados para lidar com estes alunos. É papel fundamental do professor que se faça a busca por metodologias que atendam a todas as especificidades dos seus alunos.

Outro assunto específico debatido nesta pesquisa foi a inclusão do aluno surdo na aula de música. A escassez de estudos sobre esta área faz com que pensemos na formação do professor de música, em que este deve estar atento e preparado a possibilidade de ter um aluno surdo em sua aula, é importante que fique claro os objetivos da aula de música para o surdo, para que ele veja a aula como uma troca cultural e não como uma forma de força-lo a praticar uma atividade em que, muitas vezes, nunca fez parte da sua vivência.

Acredita-se, que se faz necessário que o educador musical reflita acerca dos temas desenvolvidos nesta pesquisa e também que deva tomar iniciativa e contribua com estudos e metodologias para que o ensino de música à surdos se faça presente nas escolas, e que todos eles, independente da faixa etária, tenham a oportunidade de conhecer a música desconstruindo o conceito de que a mesma é possível apenas para ouvintes. Para isso é necessário que os professores se conscientizem de que a Educação Inclusiva, inclusive na aula de música, é necessária para o desenvolvimento do surdo.

Referências

BRASIL . Lei 10.436 de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm. Acesso em 18 Set 2015.

_____. Lei 5.626 de 25 de dezembro de 2005. **Regulamenta a Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais.**

_____. Lei 11.769 de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei n. 9394/96, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino de música na educação básica. Brasília: Presidência da República, 2008.

BULAMANI, Sannah. *Deafness...No barrier to music? A literature investigation on the challenges deaf musicians are faced with in society.* Tradução Livre. Universidade de Wolverhampton, 2007.

FINCK, Regina. **Surdez e Música: será este um paradoxo?** XVI Encontro Anual da ABEM e Congresso Regional da ISME na América Latina. Anais. Santa Catarina, 2007.

FINCK, Regina. **Ensinando Música ao Aluno Surdo: perspectivas para a ação pedagógica inclusiva.** Porto Alegre:, 2009. 234 f. + Anexos. Tese (Doutorado em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, 2009.

HAGUIARA-CERVellini, Nadir. **A Musicalidade do Surdo: representação e estigma.** São Paulo: Plexus Editora, 2003.

KUNTZE, Vívian; FINCK, Regina. **Vivências Musicais: o olhar do surdo sobre a música.** IX Encontro do Grupo de Pesquisa Educação, Artes e Inclusão. Anais. Florianópolis, 2013.

LACERDA, Cristina. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos.** Campinas, 1998.

_____. **A Inclusão escolar de alunos surdos.** Campinas, 2006.

MARIANI, Silvana. Émile Jaques-Dalcroze: A música a música e o movimento. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (Orgs.). **Pedagogias em educação musical.** Curitiba: Ibpex, 2011. - (Série Educação Musical)

MITTLER, Peter. **Educação Inclusiva: contextos sociais.** Tradução: Wyndz Brazão Ferreira. Porto Alegre: Artmed, 2003.

QUADROS, Ronice Muller. **Educação de Surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artmed, 1997.

_____. **O Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais e Língua Portuguesa.** Brasília, 2003.

SACKS, Oliver W. **Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos;** tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SÁ, Nídia Regina L. de. **Os surdos, a música e a educação.** Universidade Federal do Amazonas, 2008.

SILVA, Crista Soares da. **Educação Musical para Surdos: Uma experiência na Escola Municipal Rosa do Povo.** Artigos da Meloteca. Rio de Janeiro, 2007.

ZYCH, Anizia C. **Os aportes da educação de surdos, decorrentes do decreto federal n. 5626/05.** Universidade Estadual do Centro Oeste. Irati, PR, 2008.